



**Bianca Camargo Martins  
(Organizadora)**

# **Arquitetura e Urbanismo: Planejando e Edificando Espaços 3**



**Bianca Camargo Martins  
(Organizadora)**

# **Arquitetura e Urbanismo: Planejando e Edificando Espaços 3**

**Atena**  
Editora  
Ano 2019

2019 by Atena Editora  
Copyright © Atena Editora  
Copyright do Texto © 2019 Os Autores  
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora  
Editora Chefe: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Antonella Carvalho de Oliveira  
Diagramação: Geraldo Alves  
Edição de Arte: Lorena Prestes  
Revisão: Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

### Conselho Editorial

#### Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins  
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso  
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais  
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia  
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá  
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima  
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Sandra Regina Gardacho Pietrobom – Universidade Estadual do Centro-Oeste  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia  
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano  
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia  
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

### Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás  
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri  
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

### Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto  
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí  
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará  
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

<b>Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)</b>	
A772	Arquitetura e urbanismo [recurso eletrônico] : planejando e edificando espaços / Organizadora Bianca Camargo Martins. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019. – (Arquitetura e Urbanismo. Planejando e Edificando Espaços; v. 3)  Formato: PDF Requisitos de sistemas: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-846-5 DOI 10.22533/at.ed.465191912  1. Arquitetura. 2. Planejamento urbano. 3. Projeto arquitetônico. I. Martins, Bianca Camargo. II. Série.  CDD 711
<b>Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422</b>	

Atena Editora  
Ponta Grossa – Paraná - Brasil  
[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)  
contato@atenaeditora.com.br

## APRESENTAÇÃO

O foco da presente edição do livro “Arquitetura e Urbanismo: Planejando e Edificando Espaços 3” ressalta a multiplicidade de enfoques e abordagens relacionadas à arquitetura e ao espaço urbano, disseminando visões e saberes acerca desses conhecimentos.

Em tempos em que a divulgação científica é vital para a continuidade das importantes pesquisas aqui desenvolvidas, a Atena Editora reafirma seu compromisso em ampliar e democratizar o acesso ao conhecimento.

Os textos aqui contidos são um convite à reflexão e reúnem autores das mais diversas instituições de ensino superior do Brasil, sejam elas particulares ou públicas, distribuídas entre vários estados, socializando o acesso a estas importantes pesquisas.

Boa leitura!

Bianca Camargo Martins

## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>1</b>
MUSEU SENSORIAL DO CERRADO SENSORIAL MUSEUM OF CERRADO	
Fabiane Krolow	
Karina Marcondes Colet	
Paulina Aparecida Damin Soldatelli	
Paula Roberta Ramos Libos	
<b>DOI 10.22533/at.ed.4651919121</b>	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>14</b>
TEATRO VARIEDADES EM RIO CLARO - SP: RECONSTITUIÇÃO DA MEMÓRIA ARQUITETÔNICA	
Ícaro Fassoli	
Marcelo Cachioni	
<b>DOI 10.22533/at.ed.4651919122</b>	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>32</b>
AS POTENCIALIDADES PARA ALÉM DO AÇO: O PATRIMÔNIO INDUSTRIAL NAS CIDADES DO INTERIOR DE GOIÁS. UM ESTUDO DE CASO NA CIDADE DE SÃO LUIZ DO NORTE/GO	
Richardson Thomas da Silva Moraes	
Ana Amélia de Paula Moura Ribeiro	
<b>DOI 10.22533/at.ed.4651919123</b>	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>48</b>
INFORMAR PARA PRESERVAR: A ARQUITETURA MODERNA NO BALNEÁRIO DE CABEÇUDAS	
Giselle Carvalho Leal	
Thayse Fagundes e Braga	
<b>DOI 10.22533/at.ed.4651919124</b>	
<b>CAPÍTULO 5</b> .....	<b>60</b>
ACESSIBILIDADE EM PATRIMÔNIO CULTURAL: ANÁLISE DO CENÁRIO DO CONJUNTO FRANCISCANO EM JOÃO PESSOA-PB, POR PORTADORES DE DEFICIÊNCIA OU MOBILIDADE REDUZIDA	
Deborah Padula Kishimoto	
Raissa Silva Rodrigues	
<b>DOI 10.22533/at.ed.4651919125</b>	
<b>CAPÍTULO 6</b> .....	<b>72</b>
OS TOMBAMENTOS VIA LEIS MUNICIPAIS, VALIDADE E IMPLICAÇÕES: O CASO DA MANCHA FERROVIÁRIA DE SANTA MARIA- RS	
Cristiane Leticia Oppermann Thies	
Daniel Maurício Viana De Souza	
<b>DOI 10.22533/at.ed.4651919126</b>	

<b>CAPÍTULO 7</b> .....	<b>83</b>
O INVENTÁRIO COMO INSTRUMENTO DE PRESERVAÇÃO E RESGATE DA MEMÓRIA: O CASO DO CENTRO UNIVERSITÁRIO ADVENTISTA DE SÃO PAULO – CAMPUS SÃO PAULO	
Amanda Regina Celli Lhobrigat Melissa Ramos da Silva Oliveira	
<b>DOI 10.22533/at.ed.4651919127</b>	
<b>CAPÍTULO 8</b> .....	<b>96</b>
O POUSO DE TROPAS COLONIAL EM BENTO RODRIGUES: O CASO DOS TRABALHOS DE RESGATE ARQUEOLÓGICO PÓS DESASTRE	
Magno augusto coelho santos	
<b>DOI 10.22533/at.ed.4651919128</b>	
<b>CAPÍTULO 9</b> .....	<b>108</b>
ARQUEOLOGIA DA ARQUITETURA DECORATIVA: A POLICROMIA DO RETÁBULO DO ALTAR-MOR DA IGREJA DA ORDEM TERCEIRA DE SÃO FRANCISCOS DA PENITÊNCIA EM FLORIANÓPOLIS/SC	
Laís Soares Pereira Simon	
<b>DOI 10.22533/at.ed.4651919129</b>	
<b>CAPÍTULO 10</b> .....	<b>122</b>
ESTADO ARQUITECTÓNICO DE LA IGLESIA DEL CARMEN DE LA VILLA 25 DE MAYO, MENDOZA – ARGENTINA	
Guadalupe Cuitiño Alfredo Esteves Laura Najjar	
<b>DOI 10.22533/at.ed.46519191210</b>	
<b>CAPÍTULO 11</b> .....	<b>134</b>
CAPOEIRA: INSTRUMENTO ALTERNATIVO PARA FOMENTAR A AFROCIDADANIZAÇÃO NA PERSPECTIVA DO SERVIÇO SOCIAL	
Luciene Gustavo Silva	
<b>DOI 10.22533/at.ed.46519191211</b>	
<b>CAPÍTULO 12</b> .....	<b>147</b>
A CIDADE DE BIRIGUI - SP E SEU PATRIMÔNIO ARQUITETÔNICO PAISAGÍSTICO: O MERCADO MUNICIPAL E SUA PRAÇA ADJACENTE	
Fabrícia Dias da Cunha de Moraes Fernandes Korina Aparecida Teixeira Ferreira da Costa Jayne Lopes Moura	
<b>DOI 10.22533/at.ed.46519191212</b>	
<b>CAPÍTULO 13</b> .....	<b>159</b>
A PAISAGEM CULTURAL DE AMARANTE, PI E A EDUCAÇÃO PARA O PATRIMÔNIO	
Andréa Lourdes Monteiro Scabello	
<b>DOI 10.22533/at.ed.46519191213</b>	

<b>CAPÍTULO 14</b> .....	<b>172</b>
ANÁLISE DA PAISAGEM: O PATRIMÔNIO E A PAISAGEM CULTURAL EM VERANÓPOLIS/RS – BRASIL	
Paula Fogaça Alina Gonçalves Santiago Dirceu Piccinto Júnior	
<b>DOI 10.22533/at.ed.46519191214</b>	
<b>CAPÍTULO 15</b> .....	<b>190</b>
HISTÓRIA, CULTURA E LAZER EM CONEXÃO: INFLUÊNCIA DA CRIAÇÃO DO PARQUE DA CIDADANIA NA CONSERVAÇÃO DA PAISAGEM DA ANTIGA ESTAÇÃO FERROVIÁRIA DA CIDADE DE TERESINA-PI	
Lara Jhélia de Sousa Sampaio Mariana Luiza Bezerra Sampaio Hanna Morganna de Deus Alves Augusto César Barros de Moura Neiva Myrlla Lorene de Macedo Rodrigues	
<b>DOI 10.22533/at.ed.46519191215</b>	
<b>CAPÍTULO 16</b> .....	<b>202</b>
A ATIVIDADE COMERCIAL EM FEIRA DE SANTANA (BA): USOS DO ESPAÇO PÚBLICO	
Alessandra Oliveira Teles	
<b>DOI 10.22533/at.ed.46519191216</b>	
<b>CAPÍTULO 17</b> .....	<b>217</b>
MINHOÇÃO: ENTRE O TRANSGREDIR E O MEDIAR OS BENS COLETIVOS PRODUZIDOS A PARTIR DE INICIATIVAS DE MORADORES, MOVIMENTOS E ORGANIZAÇÕES	
Maria Isabel Camañes Guillén	
<b>DOI 10.22533/at.ed.46519191217</b>	
<b>CAPÍTULO 18</b> .....	<b>231</b>
DO PIONEIRISMO AO ESQUECIMENTO: AS TRANSFORMAÇÕES URBANAS DE FERNÃO VELHO, MACEIÓ-AL	
Mônica Peixoto Vianna Carina Letícia Rodrigues Oliveira Falcão Hugo Fernando Calheiros	
<b>DOI 10.22533/at.ed.46519191218</b>	
<b>CAPÍTULO 19</b> .....	<b>244</b>
EFEITOS DO ROMPIMENTO DA BARRAGEM DE FUNDÃO NA PAISAGEM DO MUNICÍPIO DE BARRA LONGA, MINAS GERAIS	
Teresa Cristina Guerra de Andrade Maria Luiza Almeida Cunha de Castro	
<b>DOI 10.22533/at.ed.46519191219</b>	

<b>CAPÍTULO 20</b> .....	<b>256</b>
A EXPANSÃO URBANA DE MARINGÁ COMANDADA PELA CTNP E SEUS FUNCIONÁRIOS DO ALTO ESCALÃO	
Layane Alves Nunes	
<b>DOI 10.22533/at.ed.46519191220</b>	
<b>CAPÍTULO 21</b> .....	<b>264</b>
A OFERTA IMOBILIÁRIA DE SALVADOR PARA A ALTA RENDA: UTOPIAS, ISOTOPIAS E HETEROTOPIAS	
Sarah Nascimento dos Reis	
<b>DOI 10.22533/at.ed.46519191221</b>	
<b>CAPÍTULO 22</b> .....	<b>278</b>
URBANISMO BIOCLIMÁTICO: AMBIÊNCIA URBANA E PATRIMÔNIO DA PRAÇA TOCHETTO EM PASSO FUNDO, RS	
Evanisa Fátima Reginato Quevedo Melo Mirian Carasek	
<b>DOI 10.22533/at.ed.46519191222</b>	
<b>CAPÍTULO 23</b> .....	<b>290</b>
MODIFICAÇÃO DA HABITAÇÃO: UMA AVALIAÇÃO PÓS-OCUPAÇÃO NO CONJUNTO HABITACIONAL DE INTERESSE SOCIAL EWERTON MONTENEGRO GUIMARÃES EM VILA VELHA-ES	
Bruna Gonçalves Merisio Cynthia Marconsini Loureiro Santos Liziane de Oliveira Jorge	
<b>DOI 10.22533/at.ed.46519191223</b>	
<b>CAPÍTULO 24</b> .....	<b>302</b>
REGULARIZAÇÃO FUNDIÁRIA: INFLUÊNCIA DO PAPEL DA ASSISTÊNCIA TÉCNICA PRESTADA PELO ESCRITÓRIO DE ENGENHARIA PÚBLICA (EPTEC) PARA O PROCESSO DE URBANIZAÇÃO DE FEIRA DE SANTANA	
Eufrosina de Azevêdo Cerqueira Diogenes Oliveira Senna Adriele Souza da Silva	
<b>DOI 10.22533/at.ed.46519191224</b>	
<b>CAPÍTULO 25</b> .....	<b>316</b>
POSSIBILIDADES DA ASSISTÊNCIA SOCIAL DE ENGENHARIA E ARQUITETURA NO PROCESSO DE REGULARIZAÇÃO URBANA: O CASO DOS PROJETOS DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA	
Reginaldo Magalhães de Almeida Iara Cassimiro de Oliveira Luiza Abreu Campos Almir Teixeira Esquárcio Julia Malard Almeida	
<b>DOI 10.22533/at.ed.46519191225</b>	

<b>CAPÍTULO 26</b> .....	<b>328</b>
POLÍTICA NACIONAL DOS RESÍDUOS SÓLIDOS: UMA ANÁLISE DE SUA APLICAÇÃO NO MUNICÍPIO DE GUANAMBI - BA	
Bruno Miola da Silva Poliana Bomfim Coutrin	
<b>DOI 10.22533/at.ed.46519191226</b>	
<b>CAPÍTULO 27</b> .....	<b>344</b>
AVALIAÇÃO DE SOLUÇÕES PARA MANUSEIO DE RESÍDUOS SÓLIDOS NAS HABITAÇÕES MULTIFAMILIARES DO RIO DE JANEIRO	
Alice Magalhães Garcia Souza Maria Cristina Moreira Alves	
<b>DOI 10.22533/at.ed.46519191227</b>	
<b>CAPÍTULO 28</b> .....	<b>357</b>
MECANISMO INTELIGENTE DE GERAÇÃO DE UMA EXPRESSÃO ARQUITETÔNICA COM O AMBIENTE AUTOMATIZADO	
Wanessa Glanzel Hoffmann Josana Fernandes da Rosa Marcos Rocha Galvão Fagundes de Souza Cleverson Porto da Silva Fernanda Barreto Rafael Bastos Duarte José Wanderson Oliveira Silva	
<b>DOI 10.22533/at.ed.46519191228</b>	
<b>CAPÍTULO 29</b> .....	<b>370</b>
O RIO GRANDE DO SUL E AS FONTES SUSTENTÁVEIS: ANÁLISE DA MATRIZ ENERGÉTICA DO ESTADO	
Denise de Souza Saad Danielle de Souza Saad Caryl Eduardo Jovanovich Lopes Clarissa de Oliveira Pereira Hugo Henzel Steinner	
<b>DOI 10.22533/at.ed.46519191229</b>	
<b>CAPÍTULO 30</b> .....	<b>380</b>
ESTUDO DE MANIFESTAÇÕES PATOLÓGICAS EM PONTES E VIADUTOS DE CONCRETO ARMADO NA CIDADE DE CUIABÁ-MT	
Guilherme Antonio Rosa e Silva Nogueira Barbosa Camila Raia Santos Bastos Raquel Alves Fernandes da Silva Maria Fernanda Fávero Menna Barreto Ana Paula Maran	
<b>DOI 10.22533/at.ed.46519191230</b>	
<b>CAPÍTULO 31</b> .....	<b>393</b>
INFLUÊNCIA DA ADIÇÃO DE AGREGADO RECICLADO EM CONCRETOS: UM ESTUDO SOBRE O CISALHAMENTO EM ELEMENTOS ESTRUTURAIS	
Max Silva Michelle Cordeiro	

<b>CAPÍTULO 32</b> .....	<b>406</b>
REAPROVEITAMENTO DA CONCHA DE MARISCO COMO AGREGADOS EM ARGAMASSAS E CONCRETOS NÃO ESTRUTURAIS	
João Manoel de Freitas Mota Ronaldo Faustino da Silva Yuri Barros Lima Moraes Ângelo Just Costa e Silva André Miranda Santos	
<b>DOI 10.22533/at.ed.46519191232</b>	
<b>CAPÍTULO 33</b> .....	<b>417</b>
AZULEJARIA BRASILEIRA E DESIGN	
Flávia Marques de Azevedo Esperante	
<b>DOI 10.22533/at.ed.46519191233</b>	
<b>CAPÍTULO 34</b> .....	<b>424</b>
CHAPECÓ/SC E PASSO FUNDO/RS: ESTUDO COMPARATIVO DOS ESPAÇOS LIVRES PÚBLICOS	
Ana Laura Vianna Villela Gabriela Borges da Silva Emanuelli Schneiders Aléxander Augusto Ortmeier Maryon Brotto Isadora Zanella Zardo	
<b>DOI 10.22533/at.ed.46519191234</b>	
<b>CAPÍTULO 35</b> .....	<b>441</b>
PLANEJAMENTO URBANO EM SÃO PAULO, FASE PIONEIRA DOS ANOS 1950-60	
Adilson Costa Macedo Altamir Clodoaldo Rodrigues da Fonseca	
<b>DOI 10.22533/at.ed.46519191235</b>	
<b>CAPÍTULO 36</b> .....	<b>447</b>
POR UMA AUTONOMIA CONCRETIZÁVEL: FUNDAMENTOS PARA A ARQUITETURA EM REGIÕES DE FRAGILIDADE SOCIOESPACIAL E AMBIENTAL	
Vera Santana Luz	
<b>DOI 10.22533/at.ed.46519191236</b>	
<b>CAPÍTULO 37</b> .....	<b>472</b>
COMO O URBANISMO TEM SIDO OPERADO EM PROCESSOS DE CONCESSÃO: A APLICAÇÃO DOS PROJETOS DE INTERVENÇÃO URBANA	
Carolina Heldt D'Almeida	
<b>DOI 10.22533/at.ed.46519191237</b>	
<b>SOBRE A ORGANIZADORA</b> .....	<b>493</b>
<b>ÍNDICE REMISSIVO</b> .....	<b>494</b>

## AS POTENCIALIDADES PARA ALÉM DO AÇO: O PATRIMÔNIO INDUSTRIAL NAS CIDADES DO INTERIOR DE GOIÁS. UM ESTUDO DE CASO NA CIDADE DE SÃO LUIZ DO NORTE/GO

### **Richardson Thomas da Silva Moraes**

Centro Universitário de Anápolis (UniEVANGÉLICA). Curso de Arquitetura e Urbanismo. Anápolis - Goiás

### **Ana Amélia de Paula Moura Ribeiro**

Centro Universitário de Anápolis (UniEVANGÉLICA). Curso de Arquitetura e Urbanismo. Anápolis - Goiás

**RESUMO:** O patrimônio industrial brasileiro teve seu maior desenvolvimento no final do século XIX, sofrendo considerável incremento ao longo do século XX, em detrimento dos processos de independência territorial, econômica e social. Atualmente, o acervo industrial nas cidades, quando não se converte em alguma forma genérica de depósito, muitas vezes acaba abandonado. Tais edifícios, além de possuírem uma memória social relacionada às condições econômicas das cidades e períodos históricos, possuem um valor social como parte do registro de homens e mulheres comuns que trabalharam e/ou permaneceram ali, conferindo-lhes um importante sentimento identitário. Estes valores são intrínsecos à sua documentação e também aos registros intangíveis contidos na memória dos indivíduos e das suas tradições. Tal fenômeno não é exclusivo de grandes centros urbanos, no caso do município de São Luiz do Norte, em Goiás,

há duas pré-existências industriais, sendo um desativado galpão secador de sementes e um abandonado defumadouro de carne, próximos entre si e situados em locais privilegiados, permanecendo, contudo, à mercê do tempo. Este estudo visa evidenciar a necessidade de preservação do patrimônio industrial, mesmo os de arquiteturas e engenharias mais simples, principalmente nas cidades do interior. Objetiva chamar atenção para seu poder catalisador, sua vocação, suas potencialidades em relação ao lugar como agentes transformadores do espaço, reforçando seu caráter cultural e viabilizando a preservação da paisagem urbana. Para tal procuramos inicialmente caracterizar o patrimônio industrial no contexto brasileiro, enfatizando suas particularidades e chamando atenção para as especificidades daquelas estruturas próprias das cidades pequenas, como o caso de São Luiz do Norte, avaliando-as do ponto de vista estrutural e compositivo, mas também em sua dimensão urbana, mais especificamente no seu papel enquanto elemento estruturador da imagem da cidade. Ao fim, busca-se ressaltar a relevância de tais acervos e o papel que podem assumir enquanto espaços dedicados a vivências coletivas de resgate cultural e memorial.

**PALAVRAS-CHAVE:** Patrimônio industrial; Cidades pequenas; Imagem da cidade; São Luiz do Norte.

## POTENTIALITY BEYOND STEEL: THE INDUSTRIAL HERITAGE IN CITIES OF THE INTERIOR OF GOIÁS. A CASE STUDY IN THE CITY OF SÃO LUIZ DO NORTE/GO

**ABSTRACT:** The Brazilian industrial heritage had its greatest development in the late XIX century, undergoing considerable increase throughout the XX century, to the detriment of processes of territorial, economic and social independence. Nowadays, the industrial collection in cities, when not converted into some generic form of deposit, often ends up abandoned. Such buildings, in addition to having a social memory related to the economic conditions of cities and historical periods, have a social value as part of the record of ordinary men and women who worked and/or remained there, giving them an important sense of identity. These values are intrinsic to their documentation and also to the intangible records contained in the memory of individuals and their traditions. This phenomenon is not unique to large urban centers. In the case of the city of São Luiz do Norte, in Goiás, there are two industrial pre-existences, one of which is a deactivated seed dryer shed and an abandoned meat smoker, close to each other and situated in privileged places, yet remain at the mercy of time. This study aims to highlight the need for preservation of industrial heritage, even those of simpler architectures and engineering, especially in the inner cities. It aims to draw attention to its catalytic power, its vocation, its potentialities in relation to the place as transforming agents of space, reinforcing its cultural character and enabling the preservation of the urban landscape. To this end, we initially sought to characterize industrial heritage in the Brazilian context, emphasizing its particularities and drawing attention to the specificities of those structures that are typical of small cities, such as São Luiz do Norte, evaluating them from a structural and compositional point of view, but also in its urban dimension, more specifically in its role as a structuring element of the city's image. Finally, we seek to emphasize the relevance of such collections and the role they can play as spaces dedicated to collective experiences of cultural rescue and memorial.

**KEYWORDS:** Industrial Heritage; Small towns; City image; São Luiz do Norte.

### 1 | INTRODUÇÃO

A necessidade de preservar a cultura é uma preocupação recorrente nos tempos atuais. Há uma inquietação em entender os muitos caminhos que conduziram os grupos humanos às suas relações presentes e suas perspectivas de futuro. O desenvolvimento da humanidade está marcado por contatos e conflitos entre modos diferentes de organizar a vida social, de se apropriar dos recursos naturais e transformá-los, de conceber a realidade e expressá-la (SANTOS, 1983, p.8).

A cultura é um processo dinâmico de transformações positivas que permite congelar o tradicional para impedir a sua deterioração, mas a mudança de significado ocorre mesmo preservando os objetos, movimentos, gestos, palavras e características plásticas exteriores devidos o contexto em que os eventos culturais são produzidos.

Segundo Arantes Neto (1990), é preciso pensar a cultura no plural e no presente.

A história permite compreender o “presente pelo passado” – atitude tradicional –, mas também o “passado pelo presente”, seja através da memória coletiva ou da história dos historiadores. A primeira é essencialmente mítica, anacrônica e constitui o vivido desta relação nunca acabada entre o presente e o passado (Le Goff, 1994). A segunda é científica e busca imparcialidade.

A memória histórica constitui um fator de identificação humana, é a marca ou o sinal de sua cultura. Reconhecemos nessa memória o que nos distingue e o que nos aproxima. Identificamos a história e os seus acontecimentos mais marcantes, desde os conflitos às iniciativas comuns. E a identidade cultural define o que cada grupo é e o que nos diferencia uns dos outros (BATISTA, 2005, sp).

Logo, se falamos de cultura, história e memória estamos falando de identidade – individual ou coletiva – e muitas cidades sabem pouco sua história ou necessitam de uma rememoração de seu passado, afim de resgatar através da oralidade e/ou da escrita – documento – os seus feitos e tradições.

São Luiz do Norte conhece apenas uma parcela de sua história e do pouco que sabe não a valoriza. A intenção do projeto concebido para tal cidade em estudo visa resgatar a história – em seus dois sentidos – e as manifestações culturais do lugar através de um equipamento que não apenas servirá para as festas anuais de peão e seus desdobramentos, mas que também possuirá um local para o desenvolvimento da cidade, de suas relações humanas e atividades durante todo o ano. À vista disso, as feiras semanais, os eventos culturais, as exposições de arte e música e o próprio lazer, bem como a implantação de um memorial quilombola que contará com oficinas e minicursos para a difusão e conhecimento da cultura africana, a qual também faz parte de sua identidade, poderão ser contemplados.

Cullen já salientava que “efetivamente, uma cidade, é algo mais do que a somatória de seus habitantes: é uma unidade geradora de um excedente de bem-estar e de facilidades que leva a maioria das pessoas a preferirem – independentemente de outras razões – viver em comunidade a viverem isoladas”. Sendo assim, tema em questão possibilita ainda mais esse contato tanto da comunidade em si quanto com as vizinhas, viabilizando a composição de uma paisagem urbana que é uma arte do relacionamento, além de garantir um processo coletivo e incessante de produção de significados que molda a experiência social e configura as relações sociais, de forma dinâmica, transgressora e que não massacra o tradicional, permitindo a manifestação da memória.



Figura 01 – Galpão secador de sementes e desativado defumadouro de carne.

Fonte: Elaborado pelos autores. 2018.

O exposto projeto faz uso de dois dos três patrimônios industriais presentes na cidade. Tais edificações são resquícios do início da força da agropecuária na região do Vale de São Patrício, desenvolvendo o centro-norte goiano logo após a escassez do ouro de filões e de aluvião. Esses galpões industriais não se alteram muito em sua tipologia: estruturas metálicas, duas águas compostas por telhas trapezoidais, vedação em alvenaria (tijolo maciço ou furado) e com placas metálicas em seu perímetro (Figura 01). Essa tipologia é a genérica forma como o patrimônio industrial se apresenta no interior de Goiás – salvaguarda alguns com coberturas mais arqueadas ou com a presença de chaminés –, os quais em muitos dos casos está em desuso, abandonados, invadidos ilegalmente ou são reutilizados apenas como depósitos, ignorando o poder catalisador e as potencialidades destas estruturas enquanto pontos de cultura, tradição, memória e modificadores da paisagem urbana.

## 2 | ANTECEDENTES DA CIDADE

A economia da mineração no Brasil, mesmo considerando o seu curto período de duração, foi provavelmente a que propiciou mais desenvolvimento à colônia, tanto no que se refere à população e organização social quanto à estruturação espacial de novos núcleos e a consolidação em definitivo de nossas fronteiras. Foi também de fundamental importância para o estabelecimento de um modo diferenciado de organização espacial urbana, que, de uma forma ou de outra, evidencia um Brasil urbano, em estreita oposição aos núcleos urbanos do Brasil rural dos séculos anteriores (COELHO, 2001, p.136-137).

E assim, embora gravitando todos em torno da mineração, os arraiais do ouro em Goiás apresentavam realidades diversas, segundo a localização, época de fundação, tipo e quantidade de metais encontrados. Além disso, como já dito, a evolução da malha urbana em algumas dessas vilas ocorriam distantes do ponto de mineração, ou seja, seu centro histórico, como é o caso da cidade de São Luiz do Norte, Goiás, que se formou há cerca de 20 km de distância da região de Lavrinhas (distrito pertencente ao município) onde ocorria a exploração aurífera e extraíam-se os filões, onde o metal precioso aparece em veios disseminados em quartzo ou em outras rochas auríferas.

Dessa forma, a cidade constituiu um outro centro histórico e se desenvolveu ao seu redor, enquanto que o seu primeiro, na região de Lavrinhas, ainda não foi englobado pela malha urbana do povoado. Um dos motivos baseia-se na escassez do metal no local e a dificuldade de obtê-lo, sendo que da década de 1950 a 1990, a região que compreende a cidade de São Luiz do Norte cresceu muito com a retomada da exploração do ouro, contudo, agora, o de aluvião, descoberto no Rio Vermelho, um dos rios que corta o município.

### 3 | HISTÓRIA DA CIDADE

São Luiz do Norte começou a se formar em 1848 com o ciclo do ouro no Brasil, onde este também era explorado na região – no Arraial de Lavrinhas de São Sebastião, considerado um arraial colonial pequeno. Porém, a prática logo foi entrando em declínio. Na década de 1950 ainda possuiu fôlego, acentuando-se em meados da de 1970 e perdurou até o início dos anos 1990.

Com a forte exploração do ouro o local foi se desenvolvendo aos poucos, contando com famílias que vieram para trabalhar nos garimpos e também com a população de escravos que fugiram e se esconderam de seus senhores – Bandeirantes – durante a exploração – criando uma comunidade quilombola de resistência (Porto Leocárdio).

Como dito antes, a cidade de estudo se desenvolveu há certa distância do então arraial, se determinando como um local de passagem entre a região de exploração, o povoado de Nortelândia – que leva ao Rio das Almas, onde ocorria o transporte de alguns alimentos até os estados do sudeste brasileiro – e a estrada construída por Bernado Sayão, vindoura BR-153.

No ano de 1942, a maior parte das terras pertenciam aos Srs. Hermuth e Freimundo Brock e demais porções aos senhores: Benedito Gonçalves de Oliveira; João Inácio; José Maia e Sr. Joaquim Avelino de Souza. Neste mesmo ano o Sr. João Florêncio da Silva, natural de Simões, Piauí, adquiriu 1.605 alqueires de terras da família Brock e demais trechos dos outros senhores mencionados, totalizando 17 km de terras que começavam à margem do Rio das Almas, à margem do Rio São Patrício, indo até o morro da Cifra. Nesta época cultivava-se lavouras de arroz, milho, feijão e cerca de 40 famílias trabalhavam nessa propriedade em regime de meeiros, arrendatários e outros. Hoje, com menor quantidade de terras, mas ainda no local permanecem muitos descendentes dessas famílias pioneiras.

Já em 1943, São Luiz do Norte era apenas um conjunto de fazendas e pertencia ao município de Pilar de Goiás. Posteriormente, em 11 de agosto de 1945 passou a pertencer ao município de Itapaci. A transição de povoado para cidade começou a ocorrer a partir de 1960, através do Sr. José Machado da Silva (Machadinho), vindo da capital do estado, Goiânia, que viu a oportunidade de instalação de uma pequena

cidade, visto que já havia na região grande quantidade de pessoas vindas de todas as partes do Brasil que adquiriram terras e permaneceram ali.

A emancipação foi alcançada em 1989. O município conta com dois povoados (Lavrinhas de São Sebastião, Povoado de Nortelândia e a comunidade de Porto Leocárdio). O nome da cidade foi escolhido pela senhora Hirman, esposa de Machadinho. Como era uma mulher muito religiosa e devota deu-se a ideia de colocar o nome de São Luiz, em homenagem ao santo de sua devoção e, do Norte, devido a sua localização geográfica.

Devido a essas características históricas, a cidade apresenta uma necessidade de resgate da memória, de sua cultura e de novas áreas para o lazer. Nesse sentido, há somente uma alternativa para a população, a Praça Central Ramiro Manso, de qualidade arquitetônica e paisagística extremamente questionáveis, que possui em seu entorno 'pitdogs', pequenos bares e uma pizzaria. Esta mesma praça também é usada para as feiras semanais e para festas como as de posse de novos mandatos políticos, shows de finais de ano e outros mais esporádicos.

Como a cidade ainda emprega a maior parte de sua população no setor agropecuário, as festas e costumes estão ligadas à religiosidade, às colheitas e a pecuária que criam eventos anuais com duração de uma semana completa cada, em diferentes meses do ano. Como é caso da festa de São Luiz Gonzaga (Padroeiro), São João, Santo Antônio e a do Peão. Tais festas apresentam danças típicas como o chorado, eventos gastronômicos e leilões (tanto de animais quanto de pratos típicos). Ademais, a comunidade aproveita para realizar rituais religiosos como batizados nesse período.

Há também eventos culturais promovidos pelas escolas municipais e a estadual da cidade que reúne toda a população para a confecção e exposições de trabalhos artesanais, como o Dia de Mostra da Cultura Afro-brasileira, onde há apresentações de danças (capoeira) e músicas com berimbau. Contudo, os eventos já não possuem espaço que comporte o número de pessoas participantes, ocorrendo muitas das vezes na Praça Central ou em alguma rua próxima.

A Festa do Peão, por sua vez é a que atrai a maior quantidade de pessoas para a cidade. São Luiz do Norte apresenta em torno de 7 mil habitantes, mas esse número chega a triplicar na época da festa. Tal evento é uma grande oportunidade para a cidade obter uma arrecadação satisfatória, mas como não possui um local fixo – acontece atualmente no campo de futebol do Clube dos 20 e em um trecho da Av. Benvinda Vieira – e de qualidade para ocorrer, acaba não reunindo um valor final líquido considerável, visto que a infraestrutura é toda locada, representando um enorme gasto (com a arena de rodeio, palco de shows e as tendas para quiosques e exposições). Além disso, o leilão ocorre no galpão da Igreja Católica, juntamente com a comemoração do aniversário da cidade onde disponibilizam um bolo de metragem

equivalente aos anos comemorados.

Portanto, diante dos fatos explicitados, o Conjunto Cultural a ser proposto, desde o início de sua concepção, teve ciência do seu poder como construtor da paisagem que ao realizar uma intervenção urbana através de um grupo de construções sugere a possibilidade de se criar uma arte diferente, uma arte de relacionamento, intimamente interligada pelos programas a serem implantados. Tornando o local um ponto proporcionador de encontros, trocas de informações, cultura e que conseqüentemente levará mais segurança e qualidade ao lugar, ao mesmo tempo que permite maior fixação da renda dos eventos na cidade.

Por outro lado, também busca restaurar sua memória coletiva, parte de sua história. Essa anamnese proporciona salvar o passado para servir ao presente e a o futuro, tornando-se, como na poética grega, a fonte da imortalidade de um povo. Ou seja, para Le Goff (1994), falar de memória é falar de identidade.

Por fim, a leitura da paisagem faz-se simultaneamente em diferentes níveis ou escalas, “também pelos percursos e sequências, pela vivência individual e coletiva, e pelo tempo” (TARDIM, 2011). Além disso, essa percepção e de todo espaço circundante, supre a necessidade inerente do homem de se identificar com o local em que se encontra (CULLEN, 1971).

#### **4 | ABORDAGEM**

São Luiz do Norte é um município brasileiro do estado de Goiás, situado na região do Vale de São Patrício. Está localizado à margem esquerda da BR-153, sentido Goiânia-Belém, e é cortado pela GO-338 que liga Goianésia a Hidrolina, Pilar de Goiás, Santa Terezinha de Goiás, Campos Verdes, Crixás e outras. A cidade fica a 200 km de Anápolis, 245 km da capital do estado, Goiânia, e 350 km de Brasília. Possui 588,05 km de extensão geográfica, que corresponde a 58.606 hectares e cerca de 7.000 habitantes segundo o último levantamento do IBGE. A densidade demográfica é de 7,9 hab./ km<sup>2</sup> e está situado a 578 metros de altitude. Suas coordenadas geográficas são: latitude - 14° 51' 49" Sul e longitude - 49° 19' 45" Oeste.

O município é banhado por 4 rios, sendo: Rio das Almas que o corta de Sul a Norte; Rio dos Bois que divide o município ao leste; Rio São Patrício que o divide ao sul, e Rio Vermelho ao norte.

A cidade é composta por 14 bairros que são: Alvorada, Centro, Jardim Hirman, Nova Conquista, Nova Esperança, Paraíso, Perillo, Pôr do Sol I, Pôr do Sol II, Rubens Ferreira Naves, Santa Fé, Santa Rosa, Vila Santana e Volta da Jurema. Este último ainda não possui moradias e nem ruas asfaltadas, sendo delimitado apenas pela marcação das quadras e lotes.

O terreno escolhido faz parte do bairro Perillo e possui 245.273 m<sup>2</sup> caindo de um em um metro ao longo de 24 curvas. Está localizado na Rua P.02 com Avenida R.02, limite com a BR-153. Acesso sendo pela avenida Benvinda Vieira e pela própria rodovia em dois pontos circundantes.

O lugar de estudo é próximo da Praça Central Ramiro Manso, onde ocorrem os principais eventos do ano, e do lago municipal, o qual faz parte de um trecho do córrego do Ouro que passa pela região e adentra o terreno em questão. Outros pontos característicos próximos são: o Hotel São Luiz, a Capela Sant'Ana, o cemitério municipal, a arena central Valde Cordeiro de Araújo e a abandonada fábrica de laticínio.

No entorno do terreno escolhido há a presença de comércios e de habitações mistas (comércio na frente e residência ao fundo), mas que não apontam como grande força de atração. Ademais, há uma predominância residencial e de lotes vazios lindeiros, além de dois galpões abandonados, contudo, estes estão dentro do trecho selecionado, que outrora foram usados como um secador de grãos e um defumadouro.

O relevo da área de intervenção possui um caimento considerável, denominado como fundo de vale, e apresenta uma grande vegetação de espécies nativas do cerrado, de médio e alto porte e dispõe de um curso d'água do córrego do Ouro.

Os ventos dominantes na região são o Noroeste e o Leste. O Noroeste é comum durante o período chuvoso, e vem da Amazônia, ou seja, contém maior umidade. Já o vento leste predomina no período de seca e apresenta baixa umidade, além disso este é mais forte (veloz).

A incidência solar é mais intensa à oeste, contudo a geolocalização do município já indica temperaturas altas e forte incidência solar, além de um clima quente e semiúmido. No inverno, a temperatura mínima pode chegar aos 12 °C ou menos e as máximas alcançando os 30 °C. Nesse período, a umidade relativa do ar fica baixa (entre 10% e 20% na hora mais quente do dia). Já na primavera, as temperaturas sobem até os 40 °C, sendo o mês de Setembro o mais quente tanto à noite quanto de dia, com mínimas próximas dos 30 °C e as máximas acima de 40 °C. Nos meses de setembro e outubro o calor é insuportável, não sendo recomendável a prática de atividades físicas nesta época.

A área, no geral, possui uma infraestrutura insatisfatória. Como é uma cidade de pequeno porte, não há linhas de ônibus públicos, somente alguns privados de empresas da região e que buscam seus funcionários, contudo, eles vão a domicílio.

O esgotamento pluvial na cidade como um todo não é eficiente. Há pouquíssimos bueiros e quando existem, estão num local que a inclinação não leva a água. No terreno escolhido, em especial, a água da chuva escorre de ambos os lados e se concentra no meio, devido a topografia inclinada de fundo de vale. Há

também alagamentos na parte mais baixa da avenida Benvinda Vieira, onde contém a maior concentração de bueiros que destinam essa água para o lago. Sendo assim necessário um aumento de captadores pluviométricos na região.

Nesse trecho da cidade, também, não há lixeiras urbanas, necessitando assim de sua implementação. Por outro lado, há postes de luz, contudo, são poucos e não são na escala do pedestre, deixando as ruas sem segurança a noite. Já na avenida Benvinda Vieira existem postes em todo seu canteiro central, porém nenhum na faixa da calçada, tornando-se uma via extremamente escura para quem transita no lugar.

O sistema viário da área possui apenas uma via arterial (Av. Benvinda Vieira), uma via de fluxo mais intenso e que conecta duas partes da cidade. Há uma predominância de vias coletoras que coletam o fluxo e levam para outras partes do município como também para fora dele, contudo, o trânsito é tranquilo e não há semáforos.

A maior parte das vias são de 5 metros de largura e sem vegetação. A maior via é a arterial com 9 metros de largura e possui vegetação no canteiro central, entretanto, nas calçadas próximas não há sombreamento, além de serem calçadas de 2,5 metros ou menos.

Visivelmente a área do Setor Central indica maior quantidade de construções, as quais são de uso misto (comércio e residência), entretanto, não há edificações na área que ultrapassem 2 pavimentos.

A tipologia predominante próxima ao terreno é de habitações, embora as mistas não fujam do padrão notado e os galpões abandonados próximos se contrastam, tanto em altura quanto em largura, materialidade e texturas empregadas, com as tipologias predominantes.

A matriz da Igreja Católica é um ponto um pouco mais distante do terreno, contudo, devido à sua variação formal e zona, é um marco na paisagem e serve como ponto de referência aos visitantes e habitantes locais, pois também sua edificação religiosa se diferencia das demais.

## 5 | A REMINISCÊNCIA ESCRAVA

As questões envolvendo os quilombolas no Brasil nunca foram enfrentadas com a necessária profundidade e, exatamente por isso, são sempre recorrentes.

Pode-se afirmar sem receio que há pouco conhecimento sobre tais comunidades e essa falha compromete não só as ações públicas destinadas a esses grupos sociais, mas também a compreensão da própria identidade nacional, já que o país nada seria sem a contribuição essencial que os escravos deram à nossa sociedade e à sua construção (HENRIQUES FILHO, 2011). Até mesmo uma adequada classificação

das mesmas é algo ainda que não foi realizado (quilombos de resistência ou de abandono; descendentes de sudaneses ou bantos).

O grupo remanescente da região de São Luiz do Norte foi formado por escravos que fugiram de seus senhores do arraial de Lavrinhas de São Sebastião e que permaneceram próximos ao local, formando a comunidade de Porto Leocárdio – Leocárdio era um negro de estatura forte que comandou seus familiares e outros que ficaram no grupo durante a fuga.

Essa comunidade quilombola vive até hoje no mesmo local e em condições precárias. Muitos abandonaram o lugar, seu povo e sua cultura por falta de condições de sobrevivência, chegando ao ponto de cederem boa parte de seu território para lavouras de canas-de-açúcar (principalmente para a Empresa Codora). Ou seja, perdendo parte de seu krall – terreno cercado que contém as diversas cubatas, locais de trabalho, a horta, as árvores frutíferas e de sombra (moradas de orixás), espaços cerimoniais, cercado de animais e etc) – ou alguma cubata – construção que abriga somente uma única atividade como uma cozinha, um dormitório, um celeiro, etc), que são características mais específicas da arquitetura africana.

O Governo Federal em parceria com o município e em favor da Comunidade, entrou com processo de Regularização Territorial dos Quilombolas (em tramitação desde 2015), objetivando reunir essas famílias e com isso fortalecer sua cultura e a sua permanência. Contudo, enquanto isto não ocorre, a Fundação Cultural Palmares está doando cestas de alimentos mensalmente a todas as famílias remanescentes (cerca de 9 famílias, compostas por 5 membros cada).

Henriques Filho (2011) salienta que “não há comunidade quilombola que tenha recebido do Estado Nacional a titulação das áreas que ocupa”, embora no art. 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias é estabelecido que:

“Aos remanescentes das comunidades dos quilombos que estejam ocupando suas terras é reconhecida a propriedade definitiva, devendo o Estado emitir-lhes os títulos respectivos”.

O § 5º do art. 216 da Constituição determina que “ficam tombados todos os documentos e os sítios detentores de reminiscências históricas dos antigos quilombolas”, todavia, não foi implementada na prática, assim como o § 1º do arts. 215 que atribui ao Estado a obrigação de assegurar a proteção “das manifestações das culturas populares, indígenas e afro-brasileiras, e das de outros grupos participantes do processo civilizatório nacional” – Neste último, assegura-se também a proteção das demais comunidades negras que não são remanescentes quilombolas.

Na década de 1990, estes grupos tiveram melhores perspectivas de vida com a criação de uma escola que atendia a toda comunidade em salas multisseriadas (de 1ª a 4ª série), além de ter sido reconhecida nacionalmente pela sua história. Nesta

mesma época também houve ajuda e assistência da Rede Globo, a qual instalou na Comunidade energia solar e água para ajudar no seu funcionamento. Todavia, no penúltimo mandato político a unidade escolar foi fechada – e ainda permanece – por considerarem poucos alunos e com a premissa de utilizá-la para oficinas e cursos profissionalizantes (com apoio do governo federal). Entretanto, nada disso se concretizou, levando os alunos e professores da comunidade a serem remanejados para a Escola de Lavrinhas de São Sebastião, há alguns quilômetros de distância.

Por fim, é evidente a necessidade de preservação desse agrupamento, permitindo assim o resgate de uma identidade e a construção de uma memória da raça negra e, por consequência, da cultura nacional como um todo (HENRIQUES FILHO, p.164). Afinal, tudo o que se refere aos quilombolas e aos demais agrupamentos negros participantes do processo de formação do Brasil encontra-se por construir ou estruturar. Diante disso, o Conjunto Cultural contará com um Memorial Quilombola, que permitirá resgatar sua memória coletiva – não apenas oral (característica da tradição africana), mas também escrita (documento/monumento) –, além de sua história, possibilitando sua valorização tanto no nível local quanto nacional. Afinal de contas, muitos dos habitantes do município desconhecem a presença desses povos na cidade.

## 6 | AS PRÉ-EXISTÊNCIAS INDUSTRIAIS

As duas pré-existências que serão usadas para implantação do programa estão abandonadas, mas apresentam estruturas ainda resistentes e materialidades que possibilitam um bom aproveitamento de sua arquitetura. Além disso, e como preza a Carta do Patrimônio Industrial, elas revestem um “valor social como parte do registro de vida dos homens e mulheres comuns e, como tal, confere-lhes um importante sentimento identitário”. Estes valores são “intrínsecos à sua documentação e também aos registros intangíveis contidos na memória dos indivíduos e das suas tradições”.

Segundo GOMES (2004), lazer é “(...) uma dimensão da cultura constituída por meio da vivência lúdica de manifestações culturais em um tempo/espaço conquistado pelo sujeito ou grupo social, estabelecendo relações dialéticas com as necessidades, os deveres e as obrigações” (GOMES, 2004, p.124). Desta maneira, a intervenção se garantirá como um ponto de distribuição de bens materiais e imateriais, além de ser um local de lazer e de descontração, é também um espaço de aprendizado humano. Além disso, adaptar e reutilizar edifícios industriais evita o desperdício de energia e contribui para o desenvolvimento econômico sustentado, sendo esta uma das normas de manutenção e conservação da Carta do Patrimônio Industrial.

A pré-existência onde funcionava o defumadouro de carne abrigará o memorial quilombola, sendo um espaço de oficinas e minicursos a respeito dessa cultura,

de forma que a identidade e a história da comunidade sejam valorizadas e que estes mesmos indivíduos consigam um novo tipo de renda. Visando o novo uso e a construção em questão, uma das lâminas será descartada, permanecendo a que possui chaminés com detalhes que rememoram a arquitetura popular portuguesa.

É proposta também uma exploração da materialidade da pré-existência, deixando os tijolos maciços a mostra em certas áreas, alongando a área de acesso, tornando-a acessível a todos (implementando escada mais larga e rampa). E, como se tornará um ambiente com clima controlado, é possível fazer uso da parede onde a tubulação do exaustor adentrava. Nesse contexto, haverá a implementação de um volume treliçado e revestido com placas de aço corten que permitirá esconder o maquinário. Estas placas serão perfuradas com desenho inspirado nas estampas africanas (Figura 02).

É importante ressaltar que no levantamento de campo desta pré-existência não foi permitida a entrada para realizar as medições e averiguações internas, pois a família que atualmente mora no estabelecimento não concedeu o estudo.

Já o galpão onde se secavam sementes se tornará um espaço de exposição agropecuária, mas que fora da época de festas, ou concomitantemente, abrigará as feiras da cidade, além de também ter em seu programa um espaço para ocorrer os leilões, o qual se ligará com a área do rodeio.



Figura 02 – Propostas do Museu Quilombola e Galpão de Exposições Agropecuárias e Feiras, respectivamente.

Fonte: Elaborado pelos autores. 2018.

A estrutura em aço do galpão permite a construção de algumas paredes do lado sul, as quais manterão a mesma materialidade das existentes (tijolo maciço), contudo, espaçadas permitindo a contemplação do memorial quilombola e do parque urbano. Possibilitando também a passagem de ventilação e luz natural na edificação (Figura 02).

A alvenaria de tijolo maciço presente nas paredes do galpão será evidenciada. A cobertura receberá uma nova conformação volumétrica em aço corten (em duas das águas) para obter um uso melhor da iluminação e ventilação natural através de perfurações (com o mesmo desenho proposto para a primeira pré-existência). Isto

permitirá uma mesma linguagem através dos materiais. Ademais, utilizará a telha sanduíche nos outros dois lados do telhado, amenizando a temperatura do interior da edificação.

No levantamento de campo desta pré-existência a visita foi guiada pelo senhor Petronilo Rodrigues de Melo (popular Sr. Nilo), responsável pela segurança do bem construído. Foi possível visitar seu interior e também a área de fornos permitindo uma coleta mais precisa dos dados.

## 7 | CONCEPÇÃO

A intervenção contemplará também os demais programas: um local para a montagem da arena de rodeio e para o parque de diversões; quiosques fixos (visto um potencial comercial no local também fora da época de festas); uma zona para shows e demais apresentações; uma área livre pavimentada e um parque urbano, devido o potencial do lugar e a necessidade de um local de qualidade para a população realizar atividades físicas e de lazer permanentemente (Figura 03).

De acordo com o potencial do terreno, houve previsão de uma zona do programa com vocação esportiva, próxima à arena central Valde Cordeiro de Araújo, justificando a disposição de uma área livre pavimentada para patinação e demais usos esportivos e culturais.

A região para montagem da arena de rodeio ficou mais centralizada para ter uma conexão com o pavilhão de exposições e também da área de leilão, tangente à área de exposição no mesmo galpão.

O local de montagem do parque de diversões ficará lindeiro a área com quiosques fixos, o que garante um caráter comercial e familiar que se conecta ao restante do terreno e permite uma vista geral de todo o programa. Além disso, os quiosques também serão empregados próximos ao lago e as quadras poliesportivas.

A área de shows (que também poderá ser usada para outros tipos de apresentações) terá como plano de fundo as chaminés, tirando partido de sua arquitetura industrial. Já o parque a ser implantado mais abaixo, envolverá a requalificação da área do lago municipal, que conta com o fechamento de um trecho da Rua P.02 (local onde ocorre desmoronamento) para reflorestamento. Ademais, há um alargamento do curso d'água do córrego do Ouro que cruza o terreno.

A ligação entre os equipamentos foi concebida através de uma análise de fluxos, tendo como percurso principal o caminho que liga o lado oeste do parque urbano ao leste, passando pelo memorial quilombola, a área de show, chegando ao galpão designado para as exposições e, por último, com a região pavimentada. Os demais fluxos foram assinalados ligando os inícios e finais das quadras próximas ao percurso principal como uma espécie de convite ao pedestre que transita pelo

local. Após essa análise as linhas obtidas foram dispostas sobre a topografia do terreno e adequadas com seu caimento e programas próximos, de maneira que os transeuntes não tivessem dificuldade de acesso.



Figura 03 – Implantação geral do projeto proposto em detrimento do patrimônio industrial.

Fonte: Elaborado pelo autor sobre mapa do Google Earth. 2018.

E baseando-se no perfil do usuário e seu modo de vida, a ciclovia foi traçada percorrendo lindeiramente o terreno de estudo, conectando a Av. Benvinda Viera (que leva ao parque) com o centro da cidade (onde fica a Praça Central Ramiro Manso) com a GO-338. Assim, faz-se uso dos trechos que já possuem maior fluxo de pedestres e ciclistas em São Luiz do Norte.

Com a inserção do parque e dos já citados equipamentos, a região confinante à implantação apresenta potencial comercial que pode vir a ser explorado posteriormente pela comunidade – fato previsto nas diretrizes de atividades econômicas.

## 8 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

O bom estado desses patrimônios industriais nas cidades do interior de Goiás possibilita variadas alterações em sua arquitetura, de acordo com as necessidades do município que se situam, compatibilizando-as com sua geolocalização, ventos locais e carta solar. Além disso, fazer uso dessas estruturas é sustentável, não precisando partir da criação de um projeto totalmente novo, em outro local e de tamanho as vezes além do necessário, visto que tais edificações são comumente robustas. Estas pré-existências já possuem escala muito das vezes compatível com a da cidade,

potencializando ainda mais sua função catalizadora, podendo se transformar em um local de propagação da educação, do lazer, da história, da tradição e da memória de um povo, alinhados à economia e progresso que esse tipo de intervenção possibilita. Portanto, as potencialidades desses patrimônios industriais vão além do aço, elas documentam e reforçam seu caráter cultural e viabilizam uma preservação adiante da própria paisagem urbana.

## REFERÊNCIAS

AMADO, Janaína; GARCIA, Ledonias Franco; PALACÍN, Luís. **História de Goiás em documentos: I. Colônias**. 1ª reimpressão. Editora UFG, Goiânia, 2001.

ARANTES NETO, Antônio Augusto. **O que é cultura popular**. São Paulo: Brasiliense, 1990. Coleção primeiros passos.

BATISTA, C.M. **Memória e Identidade: aspectos relevantes para o desenvolvimento do turismo cultural**. Caderno Virtual de Turismo, v.5, n.3, 2005.

BORGES PEREIRA, Vanina Margarida Tomar. **A herança da arquitetura africana nas comunidades quilombolas**. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo). Universidade Federal de Espírito Santo, 2011.

CULLEN, Gordon. **Paisagem Urbana**. Título original: Concise Townscape. Architectural Press, 1971. Portugal, Editora Edições 70, 20ª Reimpressão, 2008.

CANCLINI, Néstor Garcia. **Políticas culturales y crisis de desarrollo: un balance latinoamericano**. In: CANCLINI, Néstor Garcia (org). Políticas culturales en América Latina. México: Editorial Grijalbo, 1987, p. 13-59.

\_\_\_\_\_. **Definiciones em transición**. In: MATO, Daniel (org.) Estudios latinoamericanos sobre cultura y transformaciones sociales em tiempos de globalización. Buenos Aires, Clacso, 2001, p.65.

COELHO, Gustavo Neiva. **Arquitetura da mineração em Goiás**. 2ª ed. Editora Trilhas Urbanas, Goiânia, 2007.

DUMAZEDIER, Jofre. **Lazer e cultura popular**. Debates. São Paulo: Perspectiva, 1976.

GOMES, C. L. **Dicionário crítico do lazer**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2004.

MARCELLINO, N.C. **Estudos do Lazer: uma introdução**. 3ed. Campinas: Autores Associados, 2002.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Ed. Centauro, 2004.

HENRIQUES FILHO, Tarcísio. **Quilombola: A legislação e o processo de construção da identidade de um grupo social negro**. Revista de Informação Legislativa, Brasília, a. 48, n. 192, p.147-170, out/dez. 2011.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas: Ed. Unicamp, 1994.

MILANESI, Luis. **A casa da invenção**. Ateliê Editorial. São Caetano do Sul, 1997.

MORAES, Maria Augusta de Sant'Anna; Palacín, Luís. **História de Goiás**. Editora UCG, Goiânia,

1989.

NABUCO, Joaquim. **O Abolicionismo**. Londres: Abraham Kingdom, 1891.

PALACÍN, Luís. **O século do ouro em Goiás (1722-1822): Estrutura e conjuntura numa capitania de minas**. 4ª ed. Editora UCG, Goiânia, 1994.

REIS, Nestor Goulart. **Contribuição ao estudo da evolução urbana do Brasil (1500/1720)**. 2ª ed. rev. e ampl. Editora Pini. São Paulo, 2000.

ROUGERIE, G.; BEROUTCHACHVILI, N. **Geosystèmes et paysages: bilan e méthodes**. Paris: Armand Colin Éditeur, 1991.

VALES, Tiago Pedro. **História e Memória: alguns conceitos**. Artigo extraído de <<http://www.webartigos.com/artigos/historia-e-memoria-alguns-conceitos/43200/>>. Publicado em: 22 de julho de 2010.

SANTOS, José Luiz dos. **O que é cultura**. 14ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1996. Coleção primeiros passos. Pág.7 e 8.

SILVA, M.J.V. LOPES, P.W.; XAVIER, S.H.V. **Acesso a Lazer nas Cidades do Interior: um Olhar Sobre Projeto CINE SESI Cultural**. VI Seminário 2009 ANPTUR. São Paulo/SP, 2009.

TARDIM, Raquel. **Ordenação sistêmica da paisagem**. Artigo. Livro: Arquitetura, Urbanidade e Meio Ambiente, organização de Almir Francisco Reis. Editora UFSC, 2011.

## ÍNDICE REMISSIVO

### A

Acessibilidade 60, 61, 62, 63, 65, 66, 68, 69, 70, 71, 93, 194, 197, 204, 314, 388, 453

Apropriações 217, 219, 223, 226, 227, 228, 229, 230, 424

Argamassa 103, 393, 395, 396, 407, 409, 410, 411, 412, 415, 465

Arqueologia Pós Desastre 96, 99

Arquitetura moderna 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 59, 368, 417, 420, 422, 457

Arquitetura sensorial 1

Automação 357, 363, 364, 368, 369

Avaliação pós-ocupação 290, 292, 293, 301

### B

Bacia de evapotranspiração 357, 365

### C

Capoeira 37, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 140, 141, 143, 144, 145, 146

Concreto 20, 56, 57, 102, 104, 166, 224, 365, 366, 380, 381, 382, 384, 386, 388, 389, 391, 392, 393, 394, 395, 396, 397, 400, 402, 404, 405, 406, 407, 410, 413, 415, 416, 457, 459, 461, 465, 466

Construção sustentável 357, 359

Cultura 2, 4, 5, 6, 8, 11, 13, 15, 16, 30, 33, 34, 35, 37, 38, 41, 42, 46, 47, 48, 52, 76, 77, 78, 79, 81, 83, 88, 95, 99, 106, 123, 132, 134, 135, 136, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 146, 148, 152, 162, 163, 164, 165, 168, 170, 173, 174, 175, 185, 186, 188, 190, 191, 194, 195, 196, 197, 198, 200, 216, 219, 223, 229, 230, 241, 242, 254, 286, 381, 422, 437, 448, 452, 457, 460, 468

### D

Desastre ambiental 244

Documentação 12, 32, 42, 54, 58, 72, 80, 83, 90, 93, 94, 106, 117, 118, 325, 356, 383, 462

### E

Educação patrimonial 92, 93, 151, 159, 192, 199, 200

Engenharia pública 302, 303, 304, 311, 314

Espaço de preservação 1

Espaço público 147, 155, 156, 157, 195, 197, 198, 202, 208, 210, 213, 214, 215, 217, 219, 225, 227, 229, 230, 276, 283, 287, 288, 289

Expansão urbana 256, 257, 259, 260, 261, 263, 276, 302, 304, 305, 307, 309, 310, 311, 312, 314

### F

Fontes renováveis 370, 371, 373

### H

Habitação 64, 194, 233, 264, 270, 290, 291, 292, 294, 295, 296, 297, 298, 299, 300, 301, 304, 314, 316, 319, 321, 327, 344, 440, 442, 448, 451, 457, 466, 468

Habitação de interesse social 270, 301, 319, 327

Habitação evolutiva 290

## I

Impacto socioambiental 244

Inventário 59, 63, 79, 80, 83, 86, 87, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 147, 178, 179, 180, 181, 182, 323, 445

## M

Manutenção 42, 51, 149, 151, 154, 183, 204, 206, 209, 213, 215, 236, 239, 247, 280, 285, 298, 329, 341, 347, 349, 350, 351, 352, 380, 381, 382, 386, 388, 390, 391, 429, 452, 455, 459, 484, 490

Matriz energética 370, 371, 372, 373, 374, 375, 377, 378, 379

Meio ambiente 1, 3, 6, 7, 8, 11, 12, 47, 159, 161, 165, 170, 196, 244, 245, 248, 254, 255, 328, 329, 331, 332, 333, 334, 335, 339, 340, 341, 342, 343, 345, 356, 366, 370, 372, 375, 394, 395, 404, 407, 447, 448, 462, 467, 468

Memória 14, 15, 31, 32, 34, 35, 37, 38, 42, 46, 47, 54, 58, 70, 72, 74, 81, 82, 83, 84, 85, 88, 89, 92, 93, 94, 95, 106, 109, 141, 147, 148, 151, 152, 155, 156, 157, 158, 165, 172, 174, 178, 183, 216, 229, 238, 241, 243, 246, 282, 288, 423

Memória coletiva 34, 38, 42, 46, 147, 148, 151, 152, 155, 156, 158, 165, 174, 183

Mineração 35, 46, 96, 97, 105, 107, 244, 245, 246, 247, 249, 250, 251, 252, 253, 254, 255

Museu 1, 2, 3, 4, 5, 7, 8, 9, 11, 12, 13, 30, 43, 65, 81, 82, 106, 154, 169, 170, 185, 186, 192, 193, 196, 197, 200, 409, 480, 490

## P

Paisagem 2, 32, 34, 35, 38, 40, 46, 47, 81, 87, 98, 107, 120, 159, 161, 162, 163, 166, 167, 169, 170, 171, 172, 173, 174, 175, 177, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 186, 187, 188, 190, 196, 197, 198, 199, 201, 220, 222, 244, 245, 246, 247, 250, 252, 255, 279, 280, 284, 285, 288, 289, 424, 437, 453

Parque 1, 5, 8, 9, 10, 11, 17, 43, 44, 45, 122, 190, 192, 193, 194, 195, 196, 197, 198, 199, 200, 221, 224, 251, 254, 308, 311, 372, 436, 480, 484, 490

Patologias 101, 313, 380

Patrimônio 4, 5, 14, 32, 35, 42, 45, 48, 50, 54, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 94, 95, 96, 100, 105, 107, 108, 109, 111, 112, 114, 120, 134, 135, 136, 140, 141, 145, 147, 148, 149, 152, 155, 158, 159, 161, 162, 163, 164, 165, 166, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 174, 175, 178, 179, 180, 181, 184, 187, 188, 190, 191, 194, 195, 197, 198, 200, 231, 243, 244, 245, 248, 249, 250, 252, 253, 254, 255, 260, 278, 279, 280, 282, 285, 288, 289, 310, 370, 381, 422, 446, 449, 453, 491

Patrimônio cultural 60, 61, 62, 63, 64, 65, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 78, 79, 81, 82, 83, 85, 86, 88, 90, 95, 96, 100, 105, 134, 135, 136, 140, 141, 145, 152, 159, 161, 162, 163, 164, 165, 166, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 174, 175, 178, 179, 187, 190, 200, 244, 245, 253, 255, 370, 491

Patrimônio histórico 5, 14, 54, 63, 64, 71, 73, 74, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 89, 95, 107, 114, 136, 141, 148, 152, 163, 180, 190, 191, 194, 195, 197, 198, 200, 255, 278, 280

Patrimônio industrial 32, 35, 42, 45, 231

Pintura 10, 19, 85, 108, 111, 112, 113, 115, 116, 117, 118, 119, 120, 130, 138, 154, 228, 237

Planejamento urbano 120, 275, 278, 289, 321, 439, 440, 441, 443, 444, 470, 472, 487, 488, 491  
Policromia 108, 109, 110, 111, 120  
Pontes 380, 381, 382, 391, 392  
Preservação 1, 2, 3, 8, 12, 32, 42, 46, 48, 50, 51, 59, 63, 64, 69, 70, 72, 73, 74, 75, 76, 79, 81, 82, 83, 85, 86, 89, 90, 93, 94, 95, 96, 99, 106, 109, 110, 120, 136, 142, 147, 148, 149, 151, 152, 157, 158, 163, 164, 165, 168, 172, 174, 190, 191, 192, 194, 195, 196, 197, 199, 249, 280, 286, 289, 310, 319, 332, 427, 453, 463, 477, 491

## R

Reconstituição 14, 24, 391  
Regularização fundiária 302, 304, 308, 309, 310, 311, 314, 316, 317, 319, 320, 321, 322, 324, 326, 327  
Resíduos 299, 328, 329, 330, 331, 332, 333, 334, 335, 336, 337, 338, 339, 340, 341, 342, 343, 344, 345, 346, 347, 348, 349, 350, 351, 353, 354, 355, 356, 393, 394, 395, 396, 404, 405, 406, 407, 408, 414, 415, 452, 453, 465, 467  
Resíduos sólidos urbanos 331, 333, 334, 335, 338, 339, 341, 344, 394

## S

Serviço social 134, 135, 136, 144  
Sustentabilidade 6, 89, 170, 194, 200, 246, 255, 284, 291, 344, 346, 354, 358, 361, 366, 367, 369, 446, 447, 448, 452, 459, 468

## T

Teatros 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 27, 30, 31, 81, 225  
Território 41, 74, 82, 159, 162, 163, 170, 172, 173, 174, 176, 177, 187, 216, 217, 218, 219, 220, 222, 223, 227, 248, 254, 318, 329, 422, 423, 424, 425, 427, 428, 429, 430, 433, 434, 436, 438, 448, 453, 463, 466, 471, 472, 474, 475, 476, 477, 479, 480, 482, 484, 490

## V

Valorização 4, 42, 48, 49, 87, 93, 95, 113, 145, 148, 156, 164, 175, 187, 190, 191, 195, 197, 199, 283, 308, 458

